

MORALISMO POLÍTICO

26.X.58

RAUL PILLA

A sã política é filha da moral e da razão — assim pensava o Patriarca da Independência. Nem se vê como de outra forma possa ser. Política desarrazoada, contradizendo os fatos e as leis naturais, sômente à ruína pode levar. Política imoral, ou simplesmente amoral, viola as mais elementares regras da convivência social, além de desprezar o transcendente destino do homem.

Parecendo-me isto tão evidente, que a sentença de José Bonifácio se pode considerar um lugar comum, não compreendo que, entre os motivos invocados contra a fusão do Partido Democrata Cristão com a União Democrática Nacional figure o moralismo político desta, o qual «tende a reduzir os problemas nacionais a uma luta contra a corrupção».

Não me parece que o moralismo político seja exclusivista, isto é, impeça ou dificulte a solução dos problemas nacionais, ou, em outros termos, que um governo honesto não possa também ser eficiente. Muito ao contrário, o que todos os dias estamos vendo é que as melhores soluções são inutilizadas pela improbidade política e administrativa, que as reduz a simples, mas rendosos negócios. Contrariamente ao que pensa o secretário-geral do Partido Democrata Cristão de S. Paulo, a moralização da vida pública é o nosso fundamental problema.

Demais, não compreendo que um partido que se diz cristão, além de democrata, manifeste desprezo pela moral, ou, se quiserem, pelo moralismo, que é a moral erigida em sistema. A democracia tem sido definida, com verdade, o regime da virtude.

Pressupõe, para funcionar satisfatoriamente, que pelo menos a maioria seja bem intencionada e sobreponha o interesse comum ao interesse particular de cada um. E o Cristianismo nada mais é do que a pregação e a prática de uma moral transcendente e posta por isto em bases inabaláveis, sobranceiras às vicissitudes deste mundo. Sou assim levado a crer que se está dando com a democracia cristã, em nosso país, o mesmo que com o traba-

lhismo: simples rótulos, com que se procura atrair o favor popular.

Agora um esclarecimento. Não estou defendendo, neste comentário, a proposta fusão dos partidos. Tendo responsabilidade na

direção de um deles, não o poderia fazer pessoalmente, sem antes ouvir os companheiros. Estou sômente criticando um argumento, que em si mesmo me parece grandemente condenável. Apenas isto.